

Sessão Coordenada 45 - **PESQUISAS EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL**

SIGNIFICADO DE PESQUISAS SOBRE IDEAIS, INTERESSES E DESENVOLVIMENTO MENTAL INFANTIL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PSICOLOGIA APLICADA NO BRASIL. *Regina Helena de Freitas Campos/Universidade Federal de Minas Gerais*

A ideia de que os interesses espontâneos das crianças deveriam ser um guia para os educadores esteve presente no trabalho de psicólogos de orientação funcionalista como William James, John Dewey, Alfred Binet e Édouard Claparède desde o final do século 19 e início do 20. Para esses autores, a educação era uma área fundamental para o desenvolvimento da psicologia aplicada, e o movimento das crianças em direção ao que despertava sua curiosidade deveria ser essencial no planejamento de atividades pedagógicas. A Psicologia se tornou uma ciência cujo conhecimento passou a ser considerado imprescindível na formação de educadores. Essa ênfase nas relações entre a psicologia da criança, os interesses e o desenvolvimento mental infantil desencadeou a rápida expansão de uma literatura voltada para a divulgação de levantamentos sobre o assunto feitos na América do Norte e na Europa, logo seguida por estudos feitos por psicólogos e educadores em outros países. Muitos estudos eram feitos por psicólogos e seus alunos, e publicados em periódicos como *The Pedagogical Seminary* (editado nos Estados Unidos por Stanley Hall entre 1891 and 1924), a revista suíça *Archives de Psychologie* (editada por Édouard Claparède em Genebra entre 1901 and 1940) ou a francesa *L'Année Psychologique*, editada por Alfred Binet em Paris a partir de 1900. No Brasil, estudos desse tipo foram realizados nos anos de 1930 e 1940 por iniciativa da psicóloga e educadora Helena Antipoff, então responsável pela direção do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte. Levantamentos sobre ideais e interesses das crianças mineiras foram realizados em 1929, 1934, 1939 e 1944, assim como diversos estudos sobre o desenvolvimento mental das crianças locais. As conclusões desses estudos revelaram para a autora e suas colaboradoras em que medida os instrumentos de avaliação psicológica utilizados - testes, questionários - podiam ser considerados como medidas válidas da qualidade das experiências culturais oferecidas às crianças em diferentes partes do mundo. Nos relatórios, as observações feitas em Belo Horizonte são comparadas a estudos feitos na Alemanha, França, Suíça, Estados Unidos e Rússia. Para Antipoff, os resultados dos inquéritos eram medidas úteis da qualidade da educação recebida pelas crianças. Por outro lado, demonstravam também uma contradição da moderna pedagogia. Se os resultados dos inquéritos mostravam limitações na educação recebida pelas crianças, como seguir sua motivação nas atividades pedagógicas? Ao contrário, os pedagogos deveriam se preocupar em enriquecer a experiência cultural das crianças. Nesses sentido, os instrumentos de avaliação psicológica deveriam se tornar verdadeiras ferramentas culturais, sendo testemunho das tendências da mentalidade de uma comunidade e fornecendo indicações para intervenções políticas e educacionais. A Psicologia aplicada assim entrou decididamente no circuito de mudanças culturais inspiradas na ciência e na tecnologia que caracteriza a modernidade.

história da psicologia infantil; ideais e interesses infantis; psicologia aplicada e políticas públicas

CNPq

Pesquisador - P

HIST - História em Psicologia

A PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES NA EXPERIÊNCIA DA FAZENDA DO ROSÁRIO, MINAS GERAIS, SOB ORIENTAÇÃO DE HELENA ANTIPOFF, (1950-1960). *Adriana Otoni Silva Antunes Duarte/Universidade do Estado de Minas Gerais*

No início do século 20, a Psicologia torna-se ciência de referência na educação. No Brasil, a partir de 1890, conteúdos de Psicologia passam a ser ensinados na formação de docentes nas Escolas Normais, com o objetivo de fornecer embasamento teórico para a compreensão dos fenômenos educacionais. Mais tarde, nos anos de 1920 e 1930, os Laboratórios de Psicologia criados junto às Escolas Normais passam também a contribuir com a elaboração e aplicação de testes psicológicos visando a identificação de níveis de desenvolvimento mental e organização de classes homogêneas por nível de intelectual nas escolas públicas. Em 1928, é instalada, em Belo Horizonte, a Escola de Aperfeiçoamento de Professores, visando atualizar os mestres nas novas teorias e tecnologias educacionais, e instrumentalizá-los para a modernização do sistema escolar com inspiração no movimento escolanovista. Nessa Escola foi instalado um Laboratório de Psicologia em 1929, com a presença do psiquiatra francês Théodore Simon, e sua direção foi assumida por Helena Antipoff a partir de agosto do mesmo ano. Psicóloga, nascida na Rússia em 1892 e formada no Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, Antipoff foi convidada pelo governo mineiro para colaborar com a reforma educacional de 1927-1928. Seu trabalho seguiu diversos caminhos no Brasil, entre eles a fundação da Sociedade Pestalozzi em 1932, para tratar e educar crianças excepcionais, e o estabelecimento de um complexo educacional na Fazenda do Rosário, em Ibitité, MG, a partir de 1940. Ali foram implantados, a partir do final dos anos de 1940, cursos de aperfeiçoamento para professores rurais e para a educação especial. A pesquisa tem por objetivo identificar, nesses cursos, a percepção da função da Psicologia na formação do educador e sua avaliação da utilidade dessa ciência para a educação. Utiliza-se como fonte uma amostra do discurso constante de diários escritos pelas alunas em formação durante sua estadia na Fazenda, em regime de internato, durante os anos de 1950. Os diários se encontram preservados nos arquivos da Fundação Helena Antipoff em Ibitité, MG. Elaborados a cada dia por uma das alunas e lidos na hora do jantar, continham registros de atividades e acontecimentos da Fazenda, produzindo reflexões sobre o meio e sobre a ação educativa da qual participavam os alunos, propiciando a observação dos progressos realizados nas técnicas do trabalho escolar e também na maneira de ser educador e de inserir a Psicologia como disciplina relevante nessa formação. O trabalho parte de um histórico do ensino da Psicologia para educadores, e enfocam a experiência protagonizada por Helena Antipoff e sua representação por parte de um grupo de educadoras que a vivenciaram. Resultados preliminares indicam que o ensino de Psicologia na Fazenda do Rosário focalizava especialmente as áreas da Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento, Social e da Personalidade, abordadas através do ensino teórico e de experimentos práticos. A Psicologia era percebida como uma ciência fundamental na formação do educador, por fornecer informações sobre processos de aprendizagem e desenvolvimento, e sobre a dinâmica psicossocial na educação.

Ensino de Psicologia; Educadores; Helena Antipoff

UFMG

Doutorado - D

HIST - História em Psicologia

RATIO STUDIORUM, RETÓRICA E SCIENTIA DE ANIMA: A PRESENÇA DE SABERES PSICOLÓGICOS NA FORMAÇÃO ESCOLAR JESUÍTICA DOS SÉCULOS XVI E XVII. *Sandro Rodrigues Gontijo/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo-Ribeirão Preto; Marina Massimi/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo-Ribeirão Preto*

As primeiras formas de educação ocidental são radicadas no mundo helênico e no romano. Isocrates (436a.C-348a.C) sustentando a *enkyklios paideia* (educação geral), concilia poética e filosofia. Nascia assim o curriculum de estudos científico literário que durante séculos esteve na base do *trivium* e do *quadrivium* e que constituiu a base das sete artes liberais. O mundo romano ao herdar a *paideia* helenística, retoma e amplia a ideia da retórica como coroamento supremo dos estudos. Cícero (106a.C-43a.C) e Quintiliano (35-95) alargam a preparação do orador à filosofia, à história e ao direito, fazendo da formação do orador a formação do homem completo. Esta concepção – remodelada pelo Renascimento e seu Humanismo e numa época de crescente interesse pela educação e de grande valorização da eloquência – é retomada no século XVI pela Companhia de Jesus para elaborar sua *Ratio Studiorum* (1599). A *Ratio* é a codificação da experiência educativa nos colégios da Companhia, sendo um regime escolar e curriculum de estudos, que ao sistematizar suas práticas busca um *modus docendi* comum à rede global de ensino gerida pelos jesuítas. A *Ratio* tornou-se a primeira sistematização de estudos (em termos administrativos/pedagógicos) do mundo ocidental e teve uma vigência de 150 anos. Salientamos em nosso recorte a presença de saberes psicológicos na formação escolar traça pelos jesuítas: nomeadamente a *scientia de anima* (psicologia filosófica de matriz aristotélico-tomista) e a retórica e estas compondo o plano educativo geral (*Ratio Studiorum*). Quanto ao ensino da filosofia a *Ratio* prescreve a orientação aristotélica e o *Curso Conimbricense* (manual escolar para ensino de filosofia baseado em comentários às obras aristotélicas). O comentário ao *De Anima* do *Curso Conimbricense* contempla a discussão aristotélica sobre a definição e organização da alma e de seu estudo. O estudo da alma (*scientia de anima*) é contemplado parte na *phisiologia* (filosofia natural) da época abrangendo uma perspectiva orgânico-sensitiva (uma teoria vital e uma teoria da percepção), parte na *metafísica* (elabora uma *gnosilogia* e um estudo do pensamento - intelecto). Já a classe de retórica era aquela para a qual convergiam todos os estudos humanísticos e que, mais do que todas, era destinada a realizar a integração dos saberes, combinando o *homo sapiens* com o *homo loquens*. A formação retórica preconizada pela *Ratio* não ignorava a dimensão performática da retórica. Encenar o discurso era encenar a voz, a disposição do corpo, o gesto e o olhar de uma paixão, fazendo uso dos instrumentos patéticos da persuasão, buscando a *moção* dos afetos. Uma formação completa justapõe filosofia e retórica, *sapientia* e *eloquentia*, como era próprio da cultura humanística. Ou seja, há uma produção teórica e aplicada que define o uso do discurso como meio de ordenar as emoções, organizar o raciocínio e alterar o comportamento. Tem-se deste modo uma formação propedêutica e uma educação geral, que veicula, dentre outros, saberes psicológicos presentes nos séculos XVI e XVII e que se materializam no curriculum dos colégios da Companhia de modo estruturado e orientado.

Palavras-chave: Retórica, psicologia filosófica, ensino jesuítico
FAPESP

Doutorado - D

HIST - História em Psicologia

O CONCEITO E A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA SUPERDOTADA NOS EUA E NO BRASIL – UM BREVE HISTÓRICO. *Cecília Andrade Antipoff*

O interesse pela mensuração da inteligência esteve presente na história da Psicologia desde o final do século XIX. Nos Estados Unidos, por exemplo, o psicólogo James Cattell cunhou o termo “Testes Mentais” em 1888, propondo a correlação dos resultados obtidos em alguns testes simples como a reação a um estímulo sonoro ou visual a reações mais complexas, como a atenção. O interesse pela testagem de crianças superdotadas aparece no contexto americano a partir da elaboração da Escala de Inteligência por Alfred Binet e Théodore Simon na França e sua posterior divulgação nos EUA pelos psicólogos Henry Goddard e Lewis Terman. A avaliação da inteligência de crianças e identificação dos superdotados nos Estados Unidos esteve relacionada ao contexto político e econômico do país, envolvido nas duas Grandes Guerras Mundiais e na Guerra Fria. Visando manter a primazia política e econômica em relação ao mundo, urgia a identificação precoce das crianças que fossem geniais para que uma educação de qualidade lhes fosse oferecida e, elas, em contrapartida, pudessem se tornar líderes, favorecendo o progresso da nação através das grandes invenções. Naquele momento, a educação dessas crianças tinha como foco a competição e o progresso do país. A identificação se dava basicamente a partir dos resultados obtidos nas Escalas de Inteligência, sendo considerada superdotada aquela criança que representava 1% da população, apresentando QI igual ou superior a 130 associado à habilidade de adquirir e manipular conceitos. Apesar de existirem outros teóricos que entendiam a inteligência como sendo influenciada pelo ambiente, tanto Goddard quanto Terman, que introduziram a testagem de inteligência na cultura e sociedade americanas e influenciaram significativamente as teorias da inteligência não só no país como no mundo, e outros estudiosos da área, como Leta Stetter Hollingworth e Catherine M. Lewis, entendiam que o resultado obtido na Escala de Inteligência seria herdado geneticamente. Essas informações e as pesquisas americanas se espalharam pelo mundo, e no Brasil não foi diferente. Helena Antipoff, psicóloga e educadora russa, precursora da educação de superdotados no Brasil a partir da década de 1940, foi inspirada também pela tradição norte americana através de leituras e citações dos teóricos estadunidenses em seus artigos. Mas, a partir de uma abordagem sociohistórica, propôs uma visão diferente, entendendo que a identificação dos superdotados não poderia se dar unicamente a partir de testes de inteligência, que estavam impregnados de conceitos e habilidades que são aprendidos. A criança superdotada era considerada, portanto, aquela dotada de capacidade e potencial superior, em relação à média da população, nas diversas áreas de características humanas, sendo essas aptidões acadêmicas ou intelectuais; capacidade criativa ou inventiva; aptidão motora ou cinestésica e aptidão psicossocial. E, em termos de QI, era aquela que obtinha o resultado igual ou superior a 140. Para Antipoff, a educação dessas crianças em terras brasileiras no início da década de 1970 não visava a competitividade, mas a oportunização de melhores condições de vida através de estratégias educacionais favoráveis ao seu desenvolvimento.

história do conceito de superdotação; superdotados - avaliação psicológica e educação

CAPES

Doutorado - D

HIST - História em Psicologia

AS CONCEPÇÕES DE HELENA ANTIPOFF SOBRE A ORTOPEDIA MENTAL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL. *Laênia Martins da Silva/Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais; Raquel Martins de Assis/Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais*

Este trabalho em História da Psicologia teve como objetivo central analisar as concepções de Helena Antipoff sobre ortopedia mental, identificando os fundamentos teóricos utilizados pela autora para sua definição de ortopedia mental e quais eram e com que finalidade as práticas de ortopedia mental eram recomendadas em seu trabalho nas classes especiais. Helena Antipoff veio para o Brasil em 1929, mais especificamente para Belo Horizonte, durante a implementação da reforma educacional mineira, para ser responsável pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, instituição de formação de professores e técnicos em educação. Desenvolveu inúmeras iniciativas no campo da psicologia e da educação em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, tornando-se uma das principais referências para a história da psicologia e da educação especial no país. A pesquisa aqui realizada utilizou como fonte os quatro volumes da coletânea das obras escritas de Helena Antipoff, organizados em 1992 como homenagem ao centenário de seu nascimento. Desses volumes, foram analisados os textos que tratavam de ortopedia mental e que retratam as concepções em psicologia e educação produzidas pela autora desde a década de 1920 até a década de 1970. Os resultados alcançados pela investigação demonstram que entre 1930 e 1935, para atender a demanda da época de oferecer práticas pedagógicas condizentes com os níveis mentais dos escolares, Antipoff realizou ações de homogeneização das classes através de testes de inteligência. Durante este processo, a autora fez uma crítica à limitação dessa ação isolada e concluiu que apenas a homogeneização não trazia resultados satisfatórios para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Percebendo que o sucesso das classes não era a homogeneização e sim oferecer à criança o ensino correspondente a seu desenvolvimento, apresentou como alternativa a ortopedia mental - nome dado por Binet a um conjunto de exercícios para estimulação das funções mentais: atenção, memória, percepção e outros. Antipoff adaptou a técnica da ortopedia acrescentando aos princípios de Binet, as propostas da escola ativa de Alice Descoedres e o material dourado utilizado por Montessori em seu trabalho. As concepções de ortopedia mental de Antipoff revelam dois aspectos centrais: a importância da interação entre professor e aluno durante a aplicação da técnica e a flexibilidade da técnica que “deveria ser adaptada ao infinito”. Desse modo, na aplicação da ortopedia mental a autora valoriza o envolvimento e a criatividade que o professor deveria ter com sua classe na elaboração das atividades a serem realizadas com os escolares.

Helena Antipoff; Ortopedia Mental; história da psicologia

CNPq

Mestrado - M

HIST - História em Psicologia



A FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS PARA A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. *Maria de Fátima Pio Cassemiro/Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais/ Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais*

Esta pesquisa, ainda em fase inicial, investiga a formação dos psicólogos em Belo Horizonte para a inclusão das pessoas com deficiência na escola comum e nas empresas através da Lei das Cotas. A Psicologia sempre esteve direta ou indiretamente relacionada
Formação de psicólogos; Inclusão; Pessoas com deficiência
UFMGDoutorado - D
HIST - História em Psicologia